

Safr 2006/07

Algodão em recuperação

VARIEDADES de algodão geneticamente modificadas ganham terreno nas principais áreas de cultivo no mundo e deverão representar metade da produção internacional até 2008, segundo a International Cotton Advisory Committee (ICAC), principal entidade mundial do setor.

O Brasil, quinto maior produtor, começa a colaborar para a tendência a partir desta safra 2006/2007, quando produtores cultivarão variedades transgênicas pela primeira vez. Mas, o País está bastante defasado em relação às tecnologias já em uso em outras regiões de produção.

O ICAC estima que a produção mundial de algodão (fibra) alcance 24,7 milhões de toneladas em 2006/07, praticamente estável em relação à safra anterior. Já o consumo deve crescer de 24,8 para 25,7 milhões de toneladas. Há uma redução nos estoques e melhoria nos preços internacionais.

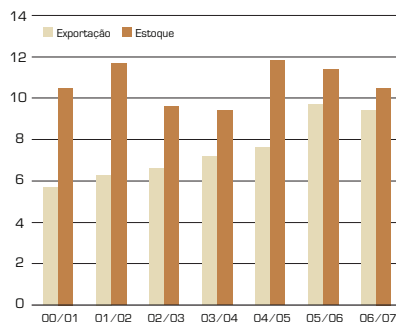
Emergência da Índia

Na safra 2006/07, pela primeira vez na história, a Índia ultrapassará os Estados Unidos no ranking mundial de produção da fibra, ocupando a inédita segunda colocação. Os indianos colherão 4,7 milhões de toneladas ante 4,6 milhões de toneladas dos EUA.

Movida pela profissionalização dos produtores, ganhos de produtividade e vizinhança com os principais clientes asiáticos, a produção indiana ocupará um quarto da área plantada mundial, com 9,2 milhões de hectares.

Entre as safras 2002/03 e 2005/06, a taxa de crescimento da produção indiana foi de 8% ao ano. A produtividade média passou de 473 para 508 quilos por hectare. Na safra 2007/08, prevê-se um salto para 551 quilos por hectare.

Mundo: Exportação e estoque de algodão (milhões de toneladas)



Fonte: USDA

A Índia possui custo de produção reduzido pelo uso de transgênicos, mão-de-obra barata, além da boa logística e da proximidade com grandes importadores, como a China. Segundo maior consumidor mundial, com um mercado doméstico crescente, o país conta ainda com as vantagens do cultivo de algodão transgênico em 55% da área plantada.

O mercado mundial já sente a presença da Índia, transformada em terceiro maior exportador mundial da fibra. A fatia indiana no comércio internacional deve passar de 7,76% para 8,9% do total na safra 2006/07.

Em contraste com a certeza da feroz competição indiana está a polêmica so-

bre as dificuldades de mensuração dos estoques de algodão da China, o maior importador mundial do produto. Estimativas divergentes e pouco confiáveis deixam *traders* e analistas de mercado indecisos sobre as cotações futuras.

O ICAC, por exemplo, estima um estoque inicial de 1,5 milhão de toneladas da fibra chinesa em 2006. O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) prevê 2,8 milhões de toneladas. Em uma iniciativa inédita, a consultoria Ecom Cotton Mercosul, visitou indústrias e autoridades portuárias nas principais regiões produtoras da China. Com base na coleta de dados de produção e estoques do país, concluiu que os chineses tinham 4,4 milhões de toneladas armazenadas até julho.

A forte demanda da China eleva o consumo mundial de algodão para 25,7 milhões de toneladas nesta safra, acima da produção total, estimada em 24,7 milhões de toneladas. Segundo o ICAC os chineses devem consumir 10,5 milhões de toneladas de algodão no ciclo 2006/07, ou seja, 600 mil toneladas acima da safra 2005/06. A China lidera a produção, com 6 milhões de toneladas. O incremento das suas exportações de têxteis causa receio entre indústrias de todo o mundo. ■

Como ficam os subsídios?

Pela decisão da Organização Mundial do Comércio (OMC), em 2004, na disputa aberta a pedido dos governos do Brasil, Austrália e Tailândia, os subsídios americanos ao setor do algodão deveriam ter sido retirados em 2005, face às distorções comerciais provocadas e aos sérios prejuízos causados aos cotonicultores de outros países.

Para os Estados Unidos manterem a posição de segundo maior produtor e maior exportador de algodão o governo desembolsará para os produtores US\$ 12,5 bilhões.

O processo do algodão é seguido com interesse na cena internacional, inclusive em meio ao fracasso da Rodada Doha de liberalização comercial, que inevitavelmente levaria ao corte da ajuda a produtores americanos de commodities como o algodão.

O governo brasileiro quer saber como e quando Washington implementará as decisões da OMC. Já estão pendentes no órgão dois pedidos de retaliação do Brasil contra os EUA em decorrência da demora americana: o primeiro, de US\$ 3 bilhões, em razão da manutenção de subsídios proibidos à exportação; o segundo, de US\$ 1,37 bilhão, por causa de subvenções internas.

Os dois pedidos foram suspensos, para dar tempo aos americanos de alterar os programas de benefícios agrícolas condenados. Mas, como os EUA retardam suas ações, o Brasil pode suspender o acordo de não retaliar.

O Conselho Nacional do Algodão dos EUA alega que se o Brasil junto com a Índia e Europa tivessem ofertado concessões semelhantes à proposta da Casa Branca nas negociações da Rodada Doha, o Congresso americano trabalharia para cortes de 60% na Farm Bill de 2007, bem acima dos permitidos pela OMC.

De qualquer forma, o presidente dos EUA anulou formalmente parte do programa de subsídios do país aos produtores de algodão, com base em novo tratamento assinado em fevereiro último para cortar os subsídios nos próximos cinco anos, o chamado Step 2. O Itamaraty diz que isso não é suficiente para atender as obrigações dos EUA com o Órgão de Controvérsia da OMC, pois representa uma redução de apenas 15% nos subsídios.